

Big²

Uma manhã fria

Sabe, é meio engraçado como a vida pode ser irônica as vezes e, somente agora, enquanto me afogo em meu próprio sangue, percebo algumas coisas sobre a efemeridade deste “presente de Deus.” O fim está próximo mas vamos começar pelo começo.

Era uma manhã fria, acabei de acordar e já pego meu telefone, a data indicava 1º de abril e tinha uma mensagem da Lara que dizia: “Quer ir no parque?”, embora a mensagem fosse claramente bem seca, esta simples mensagem já alegrou meu dia, me visto bem e vou a seu encontro. Chegando lá encontro a menina no balanço, com roupas de inverno, um gato no colo e olhos azuis fixos no nada, tendo um profundo devaneio. Ao me aproximar mais um pouco ela me percebe e dá um sorriso, a gente conversa por alguns minutos até que ela diz algo que me instigou a curiosidade:

- Você acredita em Deus?
- Sim, eu acho - respondo - por quê?
- Pois os religiosos sempre falam sobre a morte, mas porque devemos morrer?

Porque essa vida tão doce tem que chegar no fim? - ela diz enquanto o gato ronrona em seu colo

- Acho que essa é a graça da vida. Por que destas perguntas agora?
- Nada.

Ela se levanta ainda com o gato no colo e anda uns dois metros, me olha e faz um sinal com a cabeça, como quem quer que a siga e eu o faço.

Após uma breve caminhada paramos em frente a uma rua e o gato pula em direção a estrada enquanto um caminhão estava passando. Lara, instintivamente vai em direção ao gato e é atropelada bem diante de meus olhos, sobre o seu corpo ensanguentado estava o gato, me encarando e, logo atrás dele um rapaz, ao olhar para este rapaz sinto que o tempo passa mais devagar, como uma calmaria antes da tempestade. Ele me olha e diz:

- A vida não é muito justa não?
- ...
- O que houve? Não foi você mesmo quem disse que essa era a graça na vida? Não acha isso engraçado? - houve um momento de silêncio até que ele continuasse - Tenho uma proposta para você, o que você faria para tê-la de volta?
- Eu faria qualquer coisa para tê-la de volta! - disse sem exitar.

Era uma manhã fria, acabei de acordar e já pego meu telefone, a data indicava 1º de abril e... espera, primeiro de abril? Olho mais um pouco e tem uma mensagem da Lara dizendo: “Quer ir no parque?”, mal me arrumo e vou correndo para o parque e lá estava ela, com as mesmas roupas de inverno, o mesmo gato no colo e todo o resto igual, fico olhando para ela até que ela me pergunta:

- Você acredita em Deus?

Talvez tenha sido um sonho ruim, talvez seja o maior déjà vu da história, isso, só pode ser isso, não há outra explicação! Me sento e a conversa segue igual a primeira vez, ela se levanta, anda até a calçada, o gato pula e...

Era uma manhã fria, acabei de acordar com lágrimas nos olhos. “O que está acontecendo aqui?” me pergunto enquanto pego o telefone que mostrava a data de 1º de abril e uma mensagem “Quer ir no parque?”, me arrumo o mais rápido que posso e vou para o parque. Lara estava lá com suas roupas e gato, olhando para o nada e diz:

- Você acredita em Deus?
- Não! - respondo de forma mais grossa do que o esperado.

Ela me olha com uma cara séria, peço desculpas e conversamos por uns minutos até que ela se levanta, caminha até a calçada, o gato pula e eu seguro o pulso dela bem a tempo do caminhão passar

- Nossa! Essa foi por pouco - ela diz - Obrigado!

Antes de algo a mais acontecer e ainda segurando o seu braço e vou até o lado oposto do parque, enquanto subo as escadas Lara, com uma cara séria, diz:

- Ei, aquele não era o gato de mais cedo? Como ele pode ainda estar vivo?

Ela estava certa, o gato estava bem no final da escadaria, com o susto ao vê-lo paro repentinamente, Lara, que estava atrás de mim, esbarra em meu corpo imóvel tropeça e cai das escadarias.

Era uma manhã fria...

Os dias tornaram-se semanas e as semanas tornaram-se motivo para pena, todo dia a mesma história contada de diferentes formas: o caminhão, a escada, a casa em construção, o bêbado, todas sempre acabam da mesma forma: eu acordando no dia dos bobos, se Deus existe ele não tem um senso de humor muito nobre.

Era uma manhã fria, acabei de acordar e já pego meu telefone, a data indicava 1º de abril e tinha uma mensagem da Lara que dizia: “Quer ir no parque?”, embora fosse claramente uma mensagem bem seca, esta simples mensagem já estragou meu dia, me visto bem e vou a seu encontro. Chegando lá encontro a menina de sempre, no balanço, com roupas de inverno, um gato no colo e olhos azuis fixos no nada, tendo um profundo devaneio. Ao me aproximar ela me olha e diz:

- Noite longa?
- Você nem faz idéia - digo secamente.

Conversamos por alguns minutos, ela se levanta e aponta com a cabeça para que eu a siga, vamos até a calçada, o gato pula de seu colo e eu puxo seu braço para trás enquanto me arremesso na direção do caminhão. A dor foi intensa, havia gosto de sangue em minha boca e minha perna estava em um ângulo estranho mas nada comparado a dor dos últimos dias. Finalmente um pouco de paz. Enquanto desfruto de um ciclo quebrado escuto conversas paralelas a meu fim. Resolvo olhar para o rosto de Lara uma última vez e, ao vê-lo percebo que ela olha para alguma coisa no final da rua, no mesmo lugar que vinha a voz que escutei a poucos segundos e, as últimas palavras que recordo ter ouvido de Lara foram: “Eu faria qualquer coisa para tê-lo de volta.”